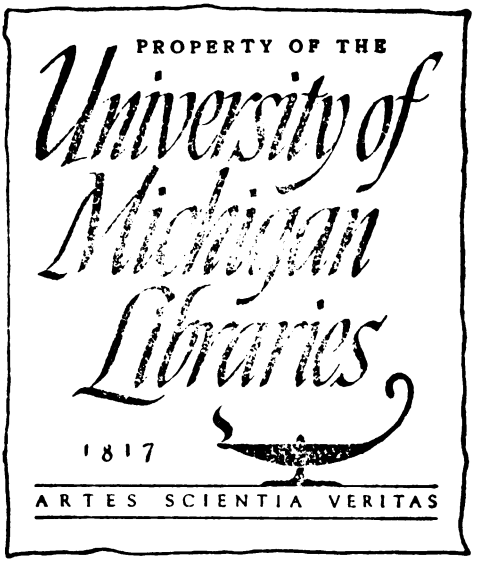
A 858,294


PROPERTY OF THE
University of
Michigan
Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

CINZAS







Gonçalves Cerqueira



GONÇALVES CEREJEIRA

CINZAS

VERSOS DA MOCIDADE



COIMBRA

1896

869.8
G6295ci

Se em algum tempo se achar este livrinho de pessoas alegres, não o leam: que, porventura, parescendo-lhe que seus casos serão mudaveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria; porque assaz bastava eu nacer pera minhas máguas, e não ainda pera as d'outrem.

Os tristes o poderão ler.....

.....

Pera uma só pessoa podia elle ser.....

BERNARDIM RIBEIRO—*Menina e Moça.*

Lis-moi, pour apprendre à m'aimer.

BAUDELAIRE.—*Les Fleurs du Mal.*

NOTA PREAMBULAR

Por assaz psychologico e subjectivo, verdadeiro documento auto-biographico em que se photographa como uma alvorada viva a minha Alma, na idiosyncrasia sincera d'uma personalisação intrinseca, nem todos, afóra alguns raros intimos, comprehenderiam, acolhendo-o sem zombaria, este meu primeiro livro, que ha de ser, assim o creio, como transumpto fiel da antithese psychica dos meus vinte annos, passados n'uma crise angustiosa de soffrimento physico e desalento moral, o, para mim, mais querido e amado

entre todos os que, porventura, a produzir eu ainda venha.

Motivo é este, por que, ao abrir-lhe a porta de oiro, no limiar gravada esta ligeira nota deixo, eu que, aliás, os prefacios detesto, bem como as apresentações apadrinhadas, quando, as mais das vezes, mendigar veem, choramingas, a indulgencia do leitor, com alardes charlatanescos de pretenciosa fatuidade.

N'um fim-de-seculo cruamente confrangido e convulsionado, epocha doentia, bysantina, pallida de anemias, perturbada de estranhas nevroses e torturas arripiantes, gritante de orações maldictas e blasphemias santas, estonteada de venenosos perfumes de flores bizarras a envolver tudo n'uma atmosphera opiada e paludosa, como um nevoeiro asphyxiante do Inferno, a Dôr e o Tedio amadurecem e queimam precocemente os corações. N'este meio deprimente e morbido, os temperamentos estheticos e as almas delicadas começam a envelhecer ao nascer-do-sol da Vida. Cedo principia a cahir neve no fogo das nossas crenças, cedo nos nascem cabellos brancos na alma, cedo nos abrolham ortigas hostis no mimoso

rosal do coração, cedo sentimos os pés lacerados pelas pedras e cardos anavalhantes que nos juncam o caminho como flores de sangue eriçadas de acerbos espinhos!

Acalentados por uma romanesca toada de ballada longinqua repercutindo-se na Alma em suggestões vivas e amadas, crendo vêr esboçar-se no vago uma ronda elysial de visões feericas kaleidoscopisadas n'um fundo polychromo de cosmorama ideal, trepamos por deslumbrantes escadas de luz e sonhos até aos magicos vitraes do Azul após Ideaes iriados e fugidios, e vamos, afinal, descendo, descendo, descendo até nos confundirmos no pó da terra, em que nos havemos de tornar... Esmorecem os trinados guitarraes de bohemia noctambula na Alma cantante, fogem as illusões como uma revoada de aguias reaes, apagam-se os sonhos e fallecem as esperanças; e, então, é o pôr-do-sol da Vida em pleno alvorescer para as almas delicadas e para os temperamentos estheticos, mais do ceu que da terra, d'uma sensibilidade nervosa e vibratil, ultra-feminina, de fina planta de estufa.

Palpa-se o vasio do Mundo, o nada illusionista da Vida; e, no crepusculismo eterno em que nos deriva então a existencia, já posto

o sol phantastico que de oiro e risos as nossas janellas enchia, convidando-nos prazenteiramente á ruidosa Alegria lá-de-fóra, refugiamo'-nos a-dentro da torre-de-crystal d'um Sonho derradeiro architectado com beijos de Amada e risos de creanças, na communhão abençoada e consoladora d'um Lar ungido de affectos de almas simples, d'uma candida espiritualidade cheia de encantadora Pureza e Graça celeste...

A' borda do insondavel Abysmo, só nos salvará o Amor, que é a Alma, que é a propria Vida, na sua mais intensiva manifestação creadora, tornando-nos immortaes na evolução perenne da vida physica da Natureza reflorindo e da vida subjectiva da Humanidade progredindo.

Assim, a vida de hoje revela-se na Arte por um outomnismo vesperal, vago e nostalgico, nevrotisado de ancias.e paixões aziagas e presagos receios e terrores do Além, na duvida do Sobrenatural, como sobre um grande lago côr de chumbo, de inavistaveis margens, onde singra a escuna ideal em que embarcados vamos, sob um ceu livido e impassivel, temeroso de tempestade!

Esta a impressão que naturalmente ficar deve, talvez, no espirito de quem, o meu livro lendo, o souber comprehender. Podem as suas paginas sentidas não valer, aos olhos do vulgo da critica indigena, pela exterioridade da expressão litteraria. Mas, para mim, valem ellas muito, e para quem lêl-as saiba com olhos de alma, porque a idealisação intrinseca que ellas traduzem é d'uma flagrante verdade, é d'uma palpitante sinceridade de emoções vivídas, sofridas, rasgadas na alma em crises passionaes em que os nervos estalam como as cordas plangentes d'um bandolim quebrando-se,—pedaços de Sonho de quem sente o coração ir-se esfarrapando, a sangrar, pelos silveiraes d'este mundo, como nos finos espinhos d'um roseiral em flôr!

Livro da Alma, versos de Amor, canções da Mocidade, o meu coração vae chorando, sob a neblina diaphana e crepuscular d'um sol-posto nostalgico, por estas paginas fóra; n'ellas grita a Vida e a Alma soluça, rezando e soltando imprecações de revolta, como uma creança perdida, em noite de temporal, no longo caminho d'uma floresta brava, onde ulu-

lam sinistros lamentos de aves lugubres e o Vento ladaínha nas Arvores uma litania satanica... A espaços, entre cinza de sonhos extinctos, erguem-se cruzes tragicas a Illusões mortas, por onde a Alma, toda de lucto, em trajes de viuva desolada, vagueia, como entre as campas d'um cemiterio ao luar coado pela rama dos cyprestes, n'uma via-sacra dolorida e piedosa, n'uma via-lactea de lagrymas crystallisadas n'um sete-estrello de dores agudas como rutilantes gladios!...

D'uma mocidade que assim vae perdida, que resta, senão cinzas—o Nada de que tudo vem e a que tudo volve?

Cinzas de sonhos, de illusões, de chymeras, de esperanças, de amores, de prazeres e mundanidades que maculam canduras de alma —hoje só do Tedio a flor cinzenta a amargurar a Vida—eis o que do Passado se descortina ao luar opalino da Saudade... Cinzas... —eis o que os meus versos representam e veem cantar; cinzas que só reanimar pode uma scentelha viva do eterno Amor.

Assim, ao-de-lá dos sarçaes do Mal e da Dôr a florir sob a nevoa, e das cambiantes irisações da juventude tisnadas como folhas mortas que jámais reverdecerão, almejo a brancu-

ra astral de açucena por onde, n'um *Caminho d'Amor*, passar deve uma alma de Eleita conduzindo á communhão affectiva e santa do Lar, como por uma gloriosa estrada perfumada de lyrios, na serenidade resignada e saudosa da conformidade espiritual, pallidamente doirada a Vida pelo vir do Crepusculo desfolhando rosas na terra e estrellas pelo ceu...

Coimbra, 1896.

GONÇALVES CEREJEIRA.

Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do Ceu,
D'aquella santa Cidade,
D'onde esta alma descendeu.

CAMÕES.

ANTELOQUIO

Menina das tranças pretas,
Assome-se ao seu balcão.
Venha deitar violetas
No enterro d'um coração.

GOMES LEAL—*O Anti-Christo.*

Nos versos d'estas paginas amortalhado
Jaz o meu coração...
Virgens! deixae os vossos sonhos de noivado...
Vinde rezar por elle e pegar-lhe ao caixão!...

E' este o evangelho meu da Illusão calma e pura,
O vermelho missal da minha Mocidade,
Biblia santa do Amor, breviario da Amargura
De quem é como um preso a olhar o ceu p'la grade!...

Era um parque a florir n'uma paschoa de flores
A minha alma a sonhar, a minha alma a cantar,
A' luz d'um claro Sol de aureolaes esplendores...
Agora é posto o sol e ainda não veiu o luar!

*

Como a quem está no fundo de algum poço,
Foi-me fugindo a claridade franca...
E já fez sol na minha alma de moço
Como nas eiras d'uma aldeia branca!

A Luz que me beijou, no berço, o rosto
Em catadupas de oiro e de Alegria
Era um Sonho: desfez-se!—E'-me Sol-posto!...
Da minha alma no poente morre o dia!...

Do Riso puro e franco a dahlia rubra
Murchou sobre o meu labio a abrir exangue...
Que a tristeza do meu olhar a cubra
P'ra desfolhar em lagrymas de sangue!

Mocidade, Prazer, Chymeras aureas,
Maré de Sonhos na Alma a fluctuar...
Como petalas seccas de centaureas,
Tudo cahiu no pó, desfez-se no ar...

Cinzas do coração, poalha de campas,
Que o vendaval dispersa em turbilhão,
Eis o que sois... Ingremes são as rampas
Por onde se resvala á podridão!

Em cinza se vae tudo... E cinzas são
Dos verdes annos d'um peito bizarro
Estes versos que sahem do coração
Como o opio que se exhala d'um cigarro!...

Tudo são cinzas, porque tudo é nada...
E em pó e cinza e nada hei-de volver-me.
Mas tenho horror á podridão eivada
Onde só phosphoreja o lôdo e o verme!

No ceu da minha Vida fez-se noite...
Cobre-me a paz sagrada dos crepusculos...
Só quero a luz d'uns olhos que me acoite
Como um alpendre onde eu repoise os musculos...

Só quero o amor d'uma alma cheia de graça,
De santas affeições, e que consagre-m'as;
E então meu coração talvez renasça...
—Rubra flôr que orvalhei com minhas lagrymas!

E tu, dama de dedos ambarinos,
Que a sorte ha de fazer a minha Eleita,
Dar-me-has o mel do amor—philtros divinos!—
Na taça d'uma bocca ideal, perfeita!

Como Abril enflorando a amendoeira,
O ceu da alma de Sonhos me constellas,
Desfiando, n'esse ceu, com mãos de freira,
Este rosario rutilo de estrellas...

Estrellas dos meus Sonhos, do Sentir
D'uma alma elysial de adolescente,
Beijando o Azul... como um lilaz a abrir
Flores de luz ao fundo d'um poente!...

Sois estrellas cahidas d'esses ceus
Que o Sonho irisa e o Amor enche de balsamos
—Hoje apagadas cinzas...—, versos meus!
Dona de olhos maviosos, tu realça-m'os!...

Minha alma quer deitar-se no tapiz
De luz com que esse olhar me esteire a senda,
Ungindo-me de amor, como á Belkis'
Os fataes anacampseros da Lenda...

E então seremos como dois chrysantemos
Em flôr, tornando n'um paraiso o Lar...
E estes versos doridos, então cante-m'os,
Já que é Sol-posto, a tua voz ao luar!...

*

Meu rosario de estrellas!... A Alma o reza
—Santa da Lenda á espera do San-Graal...
Poeta! Romeiro, ajoelha ante a Ara accesa!
Vae caminho do Amor, olhos no Ideal!...

I

NEVOAS

E disse-lhes:—No mundo immenso e estreito
Valia a pena, acaso, em anciedade
Ter nascido? dizei-m'o com verdade,
Pobres memorias que eu ao seio estreito...
. . . . . .
E cada uma d'ellas, lentamente,
Com um sorriso morbido, pungente,
Me respondeu:—Não, não valia a pena.

ANTHERO DE QUENTAL—*Sonetos.*

Vae-se-me em nevoa o mundo.....
. . . . . .
O que foi, torna a ser. O que é perde existencia.
O palpavel é nada. O nada assume essencia.

GOETHE—*Fausto.*

Não é este Mundo a nossa natureza;
Estrada sim, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar á summa Alteza.

CAMÕES.

O NATAL DO POETA

No dia em que nasceu o Poeta das canções,
Ouviu-se em toada lugubre um ranger de dentes
Desde o throno dos reis á treva das prisões,
Desde os gritos do açor aos silvos das serpentes...

Sahiram das cavernas chacaes e pantheras,
Tremeu o Padre Eterno e sorriu-se Satan...
O mundo transformou-se-lhe em circo de feras
E cuspiu-lhe nas faces a mofa villã!

E todos estes monstros disseram, á uma,
N'um rabido clamor de maldicções e pragas:
«Toda a tua existencia na Dôr se resuma,
Nas torturas do Ideal, nas paixões aziagas!

Missionas contra nós, eterno Revoltado,
Alma incomprehendida a semear ideias...
E o nosso egoismo ri do teu verbo inflammado,
E damos-te, em resposta, os ferros das cadeias!»

E do peito brotou-lhe, hostil como um punhal,
A flôr do Sentimento, em que ha tedio e veneno...
E o Poeta, defendendo a barbacã do Ideal,
Combate heroicamente, impavido e sereno!



DOLOR-AMOR

Ao sr. Sousa Fernandes

Amar! chorar! e crêr!...—eis o destino
Que foi prescripto ao poeta—ao martyr calmo,
Cuja alma tem o realce crystallino
D'um mar inquieto sob um luar almo...

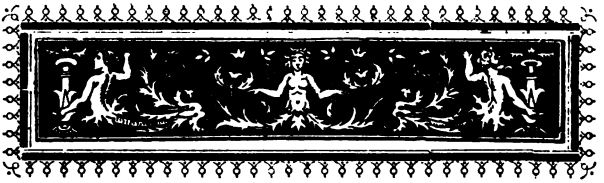
Ora exprime o furor do Desatino,
Ora a uncção evangelica do Psalmo,
Ora, n'este Adro-Mundo, ao som do sino,
Cava o proprio sepulchro palmo a palmo!

Alma incomprehendida, a do poeta !
Olhos no Ideal, da Nova-Luz propheta...
Visionario infantil... martyr do Amor...

O mais tenaz apostolo da Ideia...
Vidente genial... voz de sereia...—
Esse gigante baptisou-o a Dôr !

Braga—1891.





CANÇÃO DA INFANCIA

A MEU TIO PADRE JOSÉ DIAS PADRÃO

Eu tinha uma cabaninha,
E que linda que ella era!
Por dentro, toda branquinha!
Por fóra, com folhas de hera!

Tinha muitas janellinhas
Que abriam para o Azul,
Para vêr no Ceu rainhas
Em bailados como em Thul'...

Tinha coisas que encantavam...
Vitraes de côres, espelhos,
Aras de oiro onde rezavam
Os meus Sonhos, de joelhos...

Cruzavam-se alli mil sons
Como em coros divinaes...
Doces cantos de Anjos bons,
Musica das Cathedraes...

Havia em torno jardins,
Arvores com aureos pomos,
Correr-d'agua entre jasmins,
Abril enflorando os gommos...

Rouxinoes cantando amores,
Niveos cordeiros aos pares,
Abelhas por sobre as flores,
Borboletas nos pomares...

Mas essas visões que eu tinha
Fugiram —aguias reaes!—
E destruiu-me a casinha
O embate dos vendavaes!

Vendo pelo Azul profundo
Meus Sonhos em debandada,
Achei-me só n'este Mundo,
Sem alegria, sem nada!

Perdido, corri com ancia
A buscar, por onde andei,
A Torre irial da Infancia...
E nunca mais a encontrei!

Agora, em sendo velhinho,
Serei outra vez creança...
Hei de ir dentro d'um barquinho
Sobre um mar todo em bonança...

Aportarei a uma praia...
Quero descansar da Vida,
A' sesta, sob uma olaya,
Ao pé d'uma branca ermida...

Terei outra cabaninha
Como a que tive na Infancia:
Por dentro, toda branquinha,
Cheia de luz e fragrancia...

E uma tarde, olhos no Poente,
Ir-me-hei, tremulo, sentar,
Já mui velhinho e doente,
A' porta que dá p'ra o Mar!

E quando expirar além
Do Sol o ultimo clarão,
Ha de apagar-se tambem
Meu olhar... sobre o caixão!...

Coimbra, 28—II—1894.



NA ARENA HUMANA

Corda intima das lagrymas e dores
Que na lyra do meu coração tanjo,
Despe o lucto emquanto eu nos labios franjo
Um motejo, do mundo aos vis rancores.

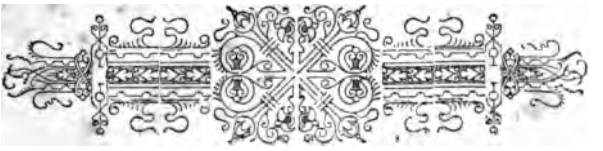
Rasga os crepes e esquece os ais de amores
Que eu em ti desferia aos pés d'um anjo...
Unico que, se em maguas me confranjo,
Sabe ungir-me de beijos e de flores!

Converte-te na corda dos sorrisos,
Para assistir á farça tumultuaria
Em que o mundo-jogral chocalha os guizos.

Lyra do coração visionaria,
Vem rir-te dos escarneos indecisos
D'esta turba de charlatães, falsaria!

Braga, maio, 1892.





ANCIEDADE

Ao dr. Pereira Caldas

Quando se apaga o sol na orla brilhante
Das bandas do Poente fulvo e calmo
E expira pelo espaço, como um psalmo,
O bulicio diurno vacillante;

Quando se extingue a luz crepuscular
No ambiente embalsamado de perfumes,
E, após, se accendem os sidereos lumes,
E, ao longe, freme o restrugir do mar;

E quando eu vou, n'essa hora melancholica,
Atravez das devezas e dos adros,
Phantasiando além grandiosos quadros
No vago d'uma noite azul, bucolica...

Ah! eu não sei dizer a magua immensa,
A atroz melancholia que me invade,
O desdobrar do manto da Saudade,
Que o espirito me envolve em treva densa!

*

Meu corpo... não o sinto: é inerte materia...
Só a minha alma vive, anhelando, irrequieta,
As attracções da Luz, a Liberdade etherea,
O seio da Verdade, a inattingivel meta...

Quer desvendar o arcano da Eterna-Belleza,
Lá onde existe Deus, devassar que avenida
Conduz a esse recinto ideal da Natureza,
A esse Seio-d'Amor, a essa Fonte-de-Vida!

O viandante perdido no deserto adusto,
Dos candentes areaes na sequidão acerba,
Queimado pelo sol, não procura um arbusto
E, debaixo, um arroyo manando entre a herva?

Assim tambem minha Alma vaga em desatino,
Tentando lêr o livro-azul do Firmamento...
Deletrear o livro-negro do Destino...
Interrogando o Mar e interrogando o Vento!

—Que mysterio fatal envolve em denso veu
O destino que foi prescripto á Alma-Humana?
Que existe além da campa? onde é o Inferno e o Ceu?
A estancia da Verdade onde é? o que é o Nirvâna?—

E o vento e o mar soluçam com funda tristeza
Em lugubres lamentos. Sobre a nevoa morna
Rompe a alvorada. As aves cantam na deveza;
E a urna dos aromas no ambiente se entorna.

E ninguem me responde. Antes tudo parece
Aos brados da minha alma afflicta, hallucinada,
Reunir o seu pranto e voz na mesma prece...
...Só responde a mudez... Assim, responde o Nada!...

Braga, novembro—1891.



AS ALDEÀS

Raparigas gentis da minha terra
Que ides cantando ao longo d'essa estrada,
Como é franca a alegria que se encerra
Em vossos peitos plenos de alvorada!

Esses cantos mais suaves que o luar,
Que as emanações dos trigaes maduros,
Fazem-me mais tristeza do que o mar
Batendo contra arruinados muros...

Eu, que ainda estou em plena juventude,
Queria ter assim muita alegria
E um peito forte e rico de saude
Como esse que embebeis em harmonia!...

S. Julião do Calendario, 23—IV—1893.



FUNERAL DE ILLUSÕES

A MEU TIO JOSÉ ELYSIO

O bergantim real das minhas Illusões
Vogava Azul em fóra, pelo ceu sereno...
E eu via lenços brancos em festivo aceno
Dos Anjos—marinhagem celeste, em canções !

Mortas as Illusões, tornou-se o bergantim
Em feretro sombrio, tetrico de horror,
Que as leva a enterrar, luaceas de pallor,
No adro da Morte, como n'um chão de jardim...

E' assim : Essas miragens cuja vista encanta-nos
São flores venenosas a abrir pelos pantanos,
Cujo aroma estonteia n'um constante assédio...

Ephemera, porém, é a sua primavera!
Quando já vemos perto a Chanaan da Chymera,
Morrem-nos dentro da Alma...e ergue-se a cruz do Tedio!

Coimbra, 1894.

CORAÇÃO VIUVO

Coração ! chora, chora, na aridez
Do estuoso deserto do meu peito,
Como uma mãe que chora, junto ao leito,
O filho morto... e o chama, a ultima vez...

Chora até esqueceres a viuvez
D'esse sonho de amor... sonho desfeito,
Que tantas esperanças tinha feito
Brotar—oasis-em-flôr—sob um «Talvez!...»

Hoje, que o Desengano torvo e escuro
Empannou para sempre o teu futuro...
Hoje abandona os vôos da Anciedade...

Descansa! Dorme o somno das creanças...
Que talvez o viver sem esperanças
Seja a tua maior Felicidade!...

Braga, 29—XI—1891.





POENTES DE SANGUE

Ao Dá Mesquita

Poentes de sangue!... Abranjo-os
N'um olhar hallucinado,
E penso que um monstro irado
Andou a assassinar anjos
N'esse ethereo descampado!...

Passam nuvens alvadias
No horisonte acastellado
Como pombas fugidias

Voando sobre o telhado
E entrando por gelosias
D'algum palacio encantado...

Não sei que mysterio enorme
Erra pela Amplidão calma...

Como a creança quando dorme,
Ri em sonhos a minha Alma...

Quando na Vida mais scismo,
Ergo para o Ceu a face,
Como alguem que despertasse
Sobre a aresta d'um abysmo!

A Lua assoma nos Ceus
Como uma benção de Deus
Sobre o misero que chora...

O ceu de estrellas se enflora!

Creio que Deus, vindo ao Mundo
Sob um mysterio profundo,
Roubou os olhos ás donzellas
P'ra semear o ceu de estrellas...

E a minha Alma quer voar
A essas regiões serenas,
Como um anjo de alvas pennas,
Com risco de as ir queimar
N'esses olhos de açucenas...

Fito os astros... Deus procuro
Para além d'esses pharoes...
E que vejo? Tudo escuro,
Como se ahi se erguesse um muro
Que intercepta a luz dos soes!

Mudo é o pó do cemiterio:
Não diz onde, ó Deus, te escondas...
Mas se Deus é o Mysterio,
P'ra que desvendal-o sondas,
O' minha Alma sempre inquieta?

Já não vives de esperanças,
Como no berço as creanças
Sorrindo a sonhar com anjos...

Poentes da minha Alma... abranjo-os
A sangrar, côr de violeta...

Como é triste nascer poeta!...

Coimbra, 26—V—1895.





FLORES DE PANTANO

Pereat dies in qua natus sum, et nox in qua dictum est: Conceptus est homo.

Job—III, 3.

Já me desgosta a Vida. O perfume do nardo
E as aves da Alegria—matinaes calhandras—
Fugiram da minha Alma—pantano das gand'ras
Sob a ameaça hostil d'um ceu cinzento-pardo...—

Minha Alma agora é como uma charneca nua
Onde já nem frondeja um enfezado abeto
E onde apenas se estampa, n'um pallor de lua,
A mysteriosa sombra d'um vago esqueleto...

Vegetam só á borda d'este algar medonho
A escura flor do Tedio e o myrto da Tristeza !
Já não se escuta aqui um murmurio de reza
Nem já se desenrola a tela azul do Sonho !

E' como um areal sem oasis, inculto,
Deserto onde passou o simoun deleterio
Derribando os Altares e a Hostia do meu culto
Sobre o gelado pó do Mundo-Cemiterio !

E' que o Mundo-Astro em que eu vaguei pelo Infinito
No berço da Illusão, no balão da Chymera,
Despiu-se, para mim, da sua photosphera...
E' esta bola de lama onde eu agora habito !

Procuro os meus Castellos dos dias felizes...
Revolvo o pó da Terra... e encontro só destroços
E a Vida a abrir com fome a bocca das Raizes,
Que, n'um pregão de Morte, clama por meus ossos!...

Coimbra, 1894.



NA ALDEIA

Ao dr. Henrique Machado

Que franca alegria, que doidos cantares,
Ao longo da aldeia, por esses casaes!
Caminham os moços e as moças aos pares...
Atraz da viola, vão para os folgares,
A' luz do luar, por sobre os restolhaes!

Gentis camponezas de faces trigueiras,
De labios ardentes da côr das romãs!
Lá nas esfolhadas bailae sem canseiras,
Com os namorados, á volta das eiras,
Trocando com elles serpão e avellãs!....

Não sei que encantadas visões de ballada
Me occorrem ao vêr-vos, risonhas e bellas,
Dansando e cantando assim, á desgarrada,
Por esses terreiros, com risos de fada,
Fluctuando alvejantes á luz das estrellas...

Serões folgazãos das aldeias do Minho!
Ah! como p'ra sempre viver eu quizera
Na simplicidade e candura de arminho
Da vida do campo... como o rosmaninho
Nos valles florindo quando é primavera!...

Oh! como esquecido viver eu queria
Como a margarida que nasce na serra!
O' bons aldeãos, quem me dera a alegria...
A crença... as historias do Lar... a poesia
Das scenas bucolicas da minha terra!

Ai! nunca eu partira do berço natal,
O' casta innocencia de mystico encanto!
P'ra as luctas eternas do Bem contra o Mal,
Se, desilludido, te volvo, afinal,
Os olhos saudosos banhados em pranto!...

S. Julião do Calendario, 11—X—1892.



OS PINHAES

Ao Dr. Sebastião de Carvalho

Negros pinhaes, pinheiraes fechados,
Sois elegiacos, espectraes!
Tendes alpendres em que abrigaes
Almas errantes de condemnados
Gemendo á noite em soturnos ais
Como uivos tristes de cães damnados...

Metteis-me medo, negros pinhaes!...

Vossos lamentos plangentes, cavos,
Minha alma absorta que não os ouça...
Na seara ondeiam os trigos flavos...
E a vossa rama, pinheiros bravos,
Forra de escuro um fundo de bouça,
Como uma eça em que o Azul balouça!...

Vossa alma chora cheia de aggravos...

Soluços lùgubres vos escuto,
Monges claustraes, ermitões dos montes,
Que desdobraes pelos horisontes
Habitos pretos, de treva e lucto,
E retrataes vosso rosto hirsuto
No espelho baço de quietas fontes...

Com vosso chôro os meus ais permuto...

Sois cathedraes de torres esguias
E hostis agulhas que a luz refrangem
N'essas ogivas mestas, sombrias,
Com carrilhões em que os ventos tangem
Poemas tragicos de agonias
E de saudades que a alma confrangem...

Claustros escuros das serranias!

O vento evoca, em nocturna toada,
Sonhos fugidos de azues noivados,
Nas vossas naves, pinhaes cerrados,
Feitas de bruma e noite nimbada,
Como os cabellos da minha amada,
Quando a descubro pelos eirados...

Funebres tectos p'ra amortalhados!

Tardes cahindo, sol-poente ao mar,
Entre os penhascos, pelas encostas,
A's vezes oiço-vos eu rezar,
Corcovadinhos e de mãos postas,
Pinheiros do ermo á orla das congostas,
Como doentes ainda a acenar...

Velhos pinhaes, fazeis-me chorar!

Em vosso choro e roucos lamentos,
Negros pinhaes, funeraes, sombrios,
Eu julgo ouvir, na orchestra dos ventos,

A voz dos carceres e conventos,
Como o marulho dos grandes rios...
E martellar lenhos de navios...

Peões phantasmaticos, macilentos!

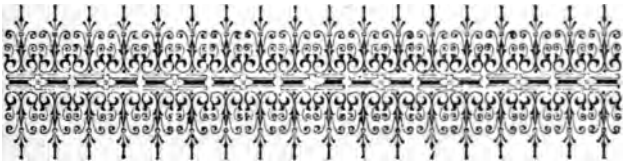
Callae os vossos sons de alahudes,
Pinhaes em prestito, sepulchraes!...

Que bons madeiros para athaùdes!

Quando eu morrer, na hora derradeira,
Hei de ir vestido d'essa madeira!...

Amortalhae-me, negros pinhaes!...

S. Julião do Calendario, 2 de junho de 1896.



A NOGUEIRA DA HERDADE

Nogueira centenaria de engelhados braços
Que ensombras o telhado á casa de meus Paes
E como um Briareu bracejas nos espaços...
Evoco, á tua sombra, os meus mortos Ideaes!

Escuta: era eu bem novo e alegre e puro e franco,
Entregue á Natureza, á vida solta e agreste...
Minha Alma sonhadora vestia de branco...
Do olhar de minha Mãe banhava-a a luz celeste...

Mas, depois que eu parti chorando o tempo de antes,
Feriram-me do Mundo as mãos assassinantes,
Apunhalaram-me a Alma, encheram-m'a de abrolhos...

E hoje, ó nogueira anciã, balisa do logar,
Quem me dera voltar de-novo á paz do Lar...
E um dia, ao cahir-te a folha, aqui fechar os olhos !...

S. Julião do Calendario, 21 de julho de 1894.



EXCERPTO D'UM POEMA

Ao Dr. Moreira Pinto

. . . . . .

O' religiosa paz da minha santa aldeia!
Oh! como eu te amo absorto no azul d'estes ceus!
Melhor que minha mãe, me ensinas a amar a Deus
N'estes frondosos templos, cathedraes em festa,
Cujas columnas são os troncos da floresta
E cujo incenso é puro: é das flores o aroma!

Que importa que a ambição da catholica Roma
Venda o Ceu a retalho em bullas e indulgencias ?
Poetas! desagrilhoae as vossas consciencias !
Vinde aqui desferir a harpa dos vossos cantos !
Vinde aprender co'os Simples como heis de ser Santos !
Subi, trepae á dura rocha de granito
Para fitar o Azul e auscultar o Infinito !
Este surdo rumor que vae da terra ás plantas
Como um brando murmurio de rezas de santas
E' a circulação da Vida Universal.
A alma das flôres é, como a nossa, immortal.
Este vigor estranho, esta seiva jocunda
Vem do seio da Terra, a grande mãe fecunda,
Sob um beijo de Pan, ao vir da Primavera.
Desde o altaneiro roble á humilde folha d'hera,
Tudo nos vem fallar d'essa grande alma esparsa
Que palpita na flôr e no collo da garça,
Do homem na fronte audaz, da mulher nas entranhas,
Na voz cava do mar, na rocha das montanhas!

O' almas puras, mysticas, virgens piedosas,
Que alevantaes ao ceu orações fervorosas,
O' virgens que chegaes a aborrecer o Mundo,
Que amortalhaes a alma n'um tedio profundo;
Donzellas sem amor, flôres do isolamento,
Que desejaes a paz soturna d'um convento;

Vós todos que aspiraes á vida de eremitas,
Deixae, fugí ás predicas dos jesuitas;
Não amputeis o Affecto ao coração; não vades
Encarcerar a alma dentro d'umas grades!
Isso não é a Vida; a Vida é o Amor
E o Amor é a Liberdade...
A gloria do Senhor
Não a ireis encontrar nas sombras d'um mosteiro...
Vinde construir na aldeia um lar, como um canteiro
De affectos a florir em duas almas santas
N'um genesico enlace, como duas plantas
Erguendo para o sol os braços enlaçados
Na volupia febril dos floridos noivados!...

. . . . . .

1894.



II

ESTRELLAS CAHIDAS

Em noites de luar, sobre os balcões em flôr,
Cantei da mocidade as limpidas balladas
E procurei na terra o ideal do amor...
O' sonhos que eu amei! O' tranças perfumadas
Em noites de luar, sobre os balcões em flôr!

GUERRA JUNQUEIRO—*A morte de D. João.*



EPILOGO D'UM POEMA

Perde-se ao longe o som da serenata
Com que eu acalentei os meus amores...
Meu peito lacerado de agras dores,
Em harmonias já se não desata!

Pois tambem já não oiço essa volata
Repassada de lyricos primores
Que trinava, como a ave ao vir das flores,
Certa garganta olympica de prata...

O luar, ao entrar pelas janellas
Fragrantes de rosaes e trepadeiras
Já não doira umas tranças como aquellas...

Sósinho canta o rouxinol na matta...
Já vae cahindo a flôr das laranjeiras,
E já não se ouve o som da serenata!

Braga, 1892.



CANÇÃO HYEMAL.

Ao vir da noite. Dealba-se o firmamento na penumbra feerica do luar de janeiro, que vem surgindo, a oriente, na ascensão celeste e elysial... A estrella Vesper desfolha pedaços da sua luz clara sobre a minha alma pallida, como petalas brancas cahindo d'um amendoal em flôr sacudido pelos zephyros da tarde, n'um vergel glauco-cinzento á beira-d'agua... Toca o Angelus na ermida em resonancias de saudade esfarrapando-se avelludadas por entre as arvores anemicas da cêrca... Religiosamente, faço da luz clara da estrella Vesper uma grinalda florida, entretecida de beijos, para que a mesma estrella a deixe cahir, aureolante e mystica, sobre a fronte virginal d'aquella Apparição longinqua, que me surge divina e astral, angelisada e branca de luar, como se viesse de banhar-se, espiritualmente, na suave candidez perfumada das açucenas e dos lyrios!... E o meu coração canta, amorosamente, com saudade viva, esta canção bucolica de inverno...

Na deveza muge o toiro.
O sol sumira-se logo
Como uma falúa de oiro
Sobre um grande mar de fogo.

Da floresta quasi nua
As folhas seccas no solo!
E no ceu a branca lua
Menos alva que o teu collo!

O sino dizendo adeus
A' luz do dia no fim...
E tu com o olhar nos ceus,
A' janella do jardim...

O fumo sobe nos ares,
Dos casaes da tua aldeia,
As creanças buscam os lares,
Que a mãe já vae pôr a ceia...

Vão p'ra casa os cavadores
A descansar das fadigas.
Na sombra ha scenas d'amores...
Veem da fonte as raparigas...

Ha canções pelos eirados...
Ha folgares pelas eiras,
E nos serões animados
Historias de fiandeiras...

As velhinhas rezam c'rôas
Pelos que andam sobre o mar
E os pequenos cantam lôas
Que a mãe lhes sabe ensinar...

A solidão pelos campos.
Dispersas vozes nocturnas.
Phosphorear de pyrilampos.
As flores cerrando as urnas...

E na tua janellinha
Rendilhada de luar
O teu rosto de rainha
A olhar no vago... a scismar...

Longe d'essa aldeia, agora
Só a Noite ouve o meu carme...
Ahi veria sempre a aurora
No teu rosto a illuminar-me!

Coimbra, 1896.



SUPPLICA

Que de encantos e ternura,
Que alluvião de carinhos
Promette a luz clara e pura
D'esses teus olhos pombinhos!

Quero beber, tenho sêde...
Eu sou como a borboleta
Que constantemente pede
Doces beijos á violeta...

Dá-me a taça primorosa
De teus labios, onde pasta
Um desejo côr-de-rosa
A abrir-te a boquinha casta !...

Dá-me os teus cabellos de oiro
E os teus olhos sem rivaes...
E eu serei com tal thesoiro,
O mais rico dos mortaes.

Consente que em tuas tranças,
Sobre o teu collo, eu me enrosque,
Qual pintasilgo entre as franças...
Minha rolinha do bosque !

Trago já os membros lassos,
Quero descanso e consolo...
Só m'o podem dar teus braços
Emballando-me em teu collo !...

Ai ! dias da vida minha !...
De minha alma esta ancia arranca...
O' minha gentil rolinha !
O' minha pombinha branca !...

1891.



FLOR CARNAL

Ao Rodrigo da Cunha

I

Loirinha de olhos claros, scintillantes,
Talhe esbelto, cintura delicada,
Bocca ardente e febril, sorrir de fada,
Esparsos os cabellos ondulantes...

Donaire em ademanes elegantes,
E a curva do teu seio contornada
Em requebros gentis de namorada,
Lembrando-nos as coisas mais galantes...

Quando eu passei, fitando, n'esse instante,
A tua formosura deslumbrante,
Absorto n'umas illusões chymericas...

Foste logo lançar-te sobre o leito,
No teu quarto, apertando o niveo peito
No delirio de contorsões hystericas...

II

E então, n'esse momento, do desejo
Te abrazavas na doce chamma viva,
Em convulsão nevralgica e lasciva,
Mordendo os labios, rubida de pejo...

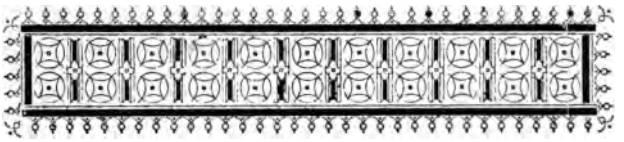
Se a trança te roçava, em brando harpejo,
Teu collo fluctuante, quasi esquiva
Retrahias-te como a sensitiva,
Depondo em não sei quê um terno beijo...

Passados alguns dias, perguntei-te
O que beijavas com tanto deleite,
Unindo-o ao peito em virginal recato...

E sorrindo e córando em meigo enleio,
Escondeste o teu rosto no meu seio,
Dizendo tremula: «Era o teu retrato!...»

Braga, 20 de março, 1892.





DE SESTA...

Ao Manuel Videira

Quando langues em quebros de ternura,
Nimba-te o collo gracil de sereia
Do teu cabello esparso a côma escura
Como o ceu, quando o bosque tempesteia...

Parece que o teu corpo se adelgaça
Flexivel como o hastil dos cannaviaes
E o teu gesto abençoante unge de graça
Teu seio côr da flôr dos laranjaes...

E, como flôr, regada de agua viva,
Que brota das taliscas d'uma rocha,
No rosal da tua alma desabrocha
O botão rubro da paixão lasciva...

E eu chego então a crêr que a tua bocca
E' d'essa flôr da tua alma a corolla...
E que, assim, se o meu labio ao teu se colla,
E' a tua alma o que a minha alma toca...





BARCAROLA DO MONDEGO

Ao Avelino d'Oliveira

Vem do luar a luz divina
—Noite de amor e dithyrambos!—
Vamos gozar! Tu és ladina...
Eu levarei capa e batina...
A capa cobre-nos a ambos...

A flôr do Tedio arranca da alma
—Tristonha como a flôr d'um charco!—
Vamos colher do amor a palma...
Vamos, sobre este rio em calma,
Remar, remar no nosso barco!

Anda contar estas estrellas
A remirarem-se nas aguas...
Solta os cabellos, que á luz d'ellas
Quero beijar-te as faces bellas...
Quero olvidar as minhas maguas!

Descansaremos das fadigas
Sonhando amores, em socêgo,
E ouvindo ao longe as raparigas
Cantando as limpidas cantigas
Das lavadeiras do Mondego!

Das serenatas e descantes
Repetirás, em voz que enleia,
Os estribilhos mais galantes
D'uma ballada de estudantes,
O' minha lubrica sereia!

Que ceu! que noite! que poesia!
Tudo convida a amar, gozar!
Sob esse olhar, já se inebria
Minha alma ardente na ambrosia
Que sabem teus labios philtrar...

Aromas veem dos laranjaes...
Canta o barqueiro... rema... rema...
Abrem-nos alas os choupaes...
E eu no teu seio acho os ideaes
Para compôr um lindo poema...

E a lua, lá em cima, invejosa
Só de nos vêr assim aos beijos,
Afroixa a luz, fula, raivosa,
Como uma solteirona edosa
N'um hysterismo de desejos!...

Coimbra, 18 de novembro de 1893.



IDYLLIO VESPERTINO

Ao Carlos de Lemos

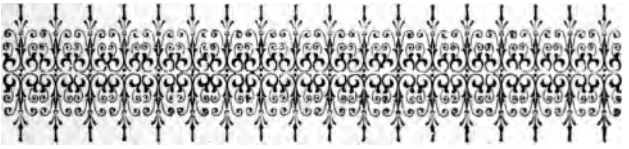
Eramos sós n'um descampado,
A' meia-luz crepuscular...
Ao longe ouvia-se dobrar
Um sino lugubre e maguado...

Disseste: «Em o nosso noivado
Mais festivo ha de repicar...
E quando for a baptisar
Nosso primeiro filho amado!...»

«Triste has de achar-o presbyterio
—Retorqui—quando o cemiterio
For a minha ultima jazida...»

E tu, co'o olhar cheio de brilho:
«Não penses mais na morte, filho!
Dêmo'-nos beijos, que são vida!...»

Dezembro de 1892.



POR ALMA DO NOSSO AMOR...

Menosprezando, ingrata, esses amores
Que eu cantei ao luar das noites claras,
Com as hervadas settas de mil Dôres
De lado a lado o coração me varas!
Antes com um punhal m'o retalharas...
Assassinando assim estes amores!

Quando abril enflorar de novo as searas,
Triste, verei copar-se de verdores

A faia a cuja sombra me falláras...
Mas não verei reverdecer as flores
D'este amor que extinguiste em seus alvores...
Quando abril adornar de gala as searas!

Eu vou partir! E' ao cahir das folhas...
E nem uma saudade já desfolhas!

Pois leio em ti, como em um cenotaphio,
Do nosso amor o lugubre epitaphio!





INDELEVEL

ESTRADA DO VINHAL— a passeio, sob as arvores, ao cahir da tarde.

Sol claro. Claro Azul, pleno de luz.
Ha murmurios de prece na fólhagem...
Cantam aves, em festival romagem,
A acalentar no ninho os filhos nus...

Doce como o olhar santo de Jesus,
Reflecte-se em minha Alma a linda imagem
Da Mulher que me trouxe essa Miragem
De amor, que em sonhos castos nos seduz!

A luz d'aquelles olhos que eu amava,
Como um raio de sol que doira a messe,
Era a unica luz que me alumiava...

Corri atraz d'um Sonho—e elle desfez-se!
Desfaz-se-me a alma em pranto... e elle não lava
O signal d'esse amor, que nunca esquece!...

19 de junho: 1896.



A' HORA DA LUCTA

AO EVARISTO DE CARVALHO

Eu sou talvez um louco, um visionario
Que desço á arena a missionar ideias,
Sujeito ao exilio, ás balas, ás cadeias,
Na turba-multa d'este mundo vario!

Flores do Bem — de outras um lampadario—,
Luz da Alma, que as sonhe, em vão busquei-as...
Ura que talhar espinhos, f'rir as veias,
Lenhar a cruz, p'ra morrer no Calvario?...

A luz d'aquelles olhos que eu amava,
Como um raio de sol que doira a messe,
Era a unica luz que me alumiava...

Corri atraz d'um Sonho—e elle desfez-se!
Desfaz-se-me a alma em pranto... e elle não lava
O signal d'esse amor, que nunca esquece!...

19 de junho; 1896.





A' HORA DA LUCTA

Ao Evaristo de Carvalho

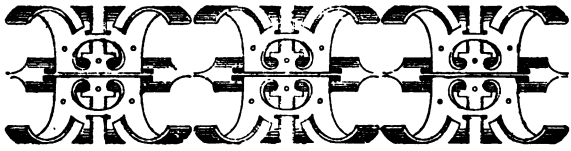
Eu sou talvez um louco, um visionario
Que desço á arena a missionar ideias,
Sujeito ao exilio, ás balas, ás cadeias,
Na turba-multa d'este mundo vario!

Flores do Bem—de astros um lampadario—,
Fóra da Alma, que as sonha, em vão busquei-as...
P'ra que calcar espinhos, f'rir as veias,
Tomar a cruz, p'ra morrer no Calvario?...

Ah! muito custa, se um olhar de amada
Nos chama ao doce amor, á abençoada,
Santa vida do Lar, calma e serena!

Assim, ó minha Pallida, a alma visto
Do teu amor celeste, como o Christo
Quando aos pés lhe chorava a Magdalena!...

Coimbra: em abril de 1896.



DEPOIS DA ORGIA

Ao Augusto Gil

Noites bizarras de loucura e amor,
Dias festivos d'esta mocidade
Que vae perdida:—olhar na Immensidade...
Sonhos cahindo—estrellas sem fulgor—!...

—Rosas...—tisnadas sois! Lá vem a Dôr
Vestir de espinhos a Alma, que se evade,
Enluarada d'um astral pallor,
A's falsas seducções da flórea edade...

Horas perdidas, bohemias e noctambulas!
Levae as minhas Illusões somnambulas
Como folhas cahidas de oleastros...

Mas deixae-me ainda a luz d'uns olhos castos
P'ra adorar... como o verme que, de rastos,
Vê sorrir-lhe no Azul o olhar dos astros!...



CANTARES

A' ALMA DO HYLARIO

I

Ceu de estrellas infinito...
Mira-se a lua nas aguas
Como a fronte d'um proscripto
Que ande errante a carpir maguas...

Meus Sonhos voam ligeiros
Pela Via-Lactea fóra
Como audazes mensageiros
Que vão em busca da aurora...

Cahe luar do ceu na rua...
A paysagem bebe-o aos tragos...
Tu és, ó pallida lua,
A namorada dos lagos...

Vendo o luar, a gente cuida
Que no ceu alguma bilha
Anda a entornar prata fluida,
Aljofares de escumilha.

A tua escumilha rola
Aos grumos pelos telhados.
O' luar! tu és a estola
Que anda a abençoar noivados!

A chlamyde do Infinito
Ha milhares de annos teces
Do mesmo luar bemdito
Que sorri no estio ás messes.

Cobres no seu leito os rios
Com os teus alvos lençoes.
E' por teus rosarios pios
Que rezam os rouxinoes...

Lanças tunicas aos hombros
Dos choupos da beira-rio
Que soluçam, pelos combros,
Tremendo ao vento, com frio...

II

Da tua alma abre as janellas,
Trigueira dos meus anhelos!
Que são teus olhos—estrellas
Sob a noite dos cabellos...

Deixa-me poisar a fronte
No teu regaço de seda,
Que em teus olhos ha uma fonte
D'um licôr que me embebeda...

E' um vinho feito de luz
Que eu bebo pelos meus olhos...
E's o astro que me conduz
N'esta agra senda de abrolhos.

Porque a manhã o ceu cora
De certo o ignoram os sabios...
E' que, mal nasceu, a Aurora
Foi banhar-se nos teus labios!

Meu coração marinheiro,
Como um naufrago do Atlantico,
Perdeu-se, triste barqueiro,
Pelo teu mavioso cantico...

Eras a branca sereia
Que o enfeitiçava, a cantar
Sobre os desertos de areia
D'esta Vida, que é um mar...

Creei chymeras doiradas
Da tua graça e belleza
—Gondolas illuminadas
D'uma visão de Veneza!

Cega-me esse olhar de fada
Da noite de San-João...
E's a moirinha encantada
Que encantou meu coração!

III

As almas dos estudantes
São bohemias e maganas
Como nocturnaes descantes
N'um bailado de tricanas...

Perdem-se os meus madrigaes
N'um ceu de encanto e ballada
Como as lendas medievaes
E os sonhos da minha Amada...

De que serve o teu luar,
Noite azul de serenata?!
Só a luz d'um meigo olhar
E' que me encanta e arrebata...

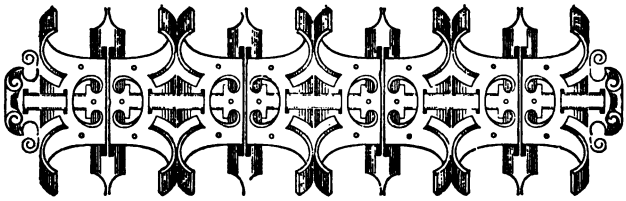
A minha capa e batina,
Dona de olhos côr-de-palma!
O teu olhar as jasmina
Das canduras da tua alma...

Não sei que maguado cantico
Me inspiraste, á luz do luar,
Que o meu bandolim romantico
Não faz mais do que chorar!...

Eu só te peço a ventura,
Se me vires no caixão,
Que me abras a sepultura
Dentro do teu coração!

Muitas vezes até choro
Só p'ra ter os teus allivios...
E p'ra o meu caixão imploro
A cruz dos teus braços niveos!...

Quero os teus olhos por cyrios,
Por mortalha as tuas tranças,
Teu chorar p'ra os meus martyrios,
E as orações das creanças!



A MONJA

A Manuel Borges Grainha

Que vida eu levo atroz na flôr da edade,
Na paz da cella tetrica e sombria!
Amarguras soffrer... sem, um só dia,
Gozar o amor que pede a mocidade!...

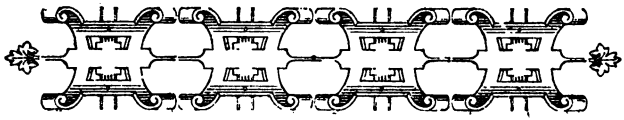
Nunca o labio sentir com anciedade
O sangue estuar sob uma tez macia...
Beijar a fronte a um Christo e achal-a fria
Como as reixas sinistras d'esta grade!...

Que vida de tormentos e amargura
Passa na solidão do claustro a serva
Do altar, entre as demais virgens inermes!

E que resta depois da virgem pura?
Mais um corpo que faça nascer herva
E vá ser desflorado pelos vermes!...

19 d'agosto de 1893.





BOHEMIA DAS RUAS

Ao Manuel d'Oliveira

Vaes passando no caminho
Embrulhada no teu chale,
Com teu andar miudinho
Erguendo um pouco, em recato,
A saiita de percale,
Como gazella do matto...

D'onde vens? d'alguma festa?...
Ou vens da missa das dez,

Fresca como a flôr da giesta
Colhida em dia das maias,
Fugindo á lama co'os pés,
Com graça apanhando as saias?...

Ah! que descobres as ligas...
O amor baila-te nos olhos...
Olha as outras raparigas
Mordendo-se com inveja
Do teu vestido de folhos,
D'essa bocca de cereja...

Ramo em flôr, tu teus o aroma
Fresco e doce das laranjas,
Como um fructo que se coma,
E attrahes beijos como abelhas...
As roupas cahem-te em franjas
Sobre as meiitas vermelhas...

Sabes as mais lindas trovas
Para cantar á viola;
Estreias chinellas novas,
Branco e rufado peitilho
—O' minha arrulhante rola—
E avental de velludilho.

Tu ris-te, maliciosa?...
Põe na minha botoeira
Essa linda e fresca rosa
Que tens ao peito... E's galante,
Um typo de costureira,
Typo de amor de estudante...

Tens o chic singular
Das cabeças levianas,
Pallidez crepuscular
Nos meios-tons do semblante...
Lembra as filhas das ciganas
Teu porte airoso e elegante...

Tens gestos de bailarina,
Sorrisos de endoidecer,
Golpes de ironia fina,
Palavrinhas quasi-obscenas
Como quem brinda ao Prazer
N'uma orgia de morenas!...

E's d'um mysterio profundo!
Um olhar que compromette
Como o teu, não ha no mundo...

Ambulante mancenilha!
O teu sonho é—a pandeireta
E ir aos toiros a Sevilha!...

Coimbra, janeiro de 1894.





GERMINAL

Ao Villela Passos

Que dias lindos!... A Primavera
Toda em sorrisos enflora os prados:
Nossa alma e o ceu de azul se abebéra...
A natureza acorda em trinados...

Lembra ir ao campo, entre aves canoras,
Deitar na relva sobre regaços,
Provar morangos, colher amoras,
Prender-se n'uns serpentinos braços...

Enlear cinturas, namorar moças
De olhar gentil e faces trigueiras...
Passar a noite no lar das choças,
Ouvir cantigas, ao luar, nas eiras...

Vêr boccas frescas como papoulas
Aljofaradas e matinaes...
Collos macios como os das rôlas,
Curvas de plasticas musicaes...

E este ar das veigas de effluvios doces,
Perfumes, arvores e aguas claras
Embalam n'uns sonhares precoces
As almas virgens e a flôr das searas...

E então sonhamos como os amantes
De alma a cantar como as philomelas,
Trocando beijos pelos mirantes
E a beber luar, de olhos nas estrellas!...

E os beijos mordem—abelhas ageis—
Boccas de mel, brunas cabelleiras,
Fórmas bizarras de virgens frageis,
Lindas e esveltas como palmeiras...

Seios febris a pedir carinhos,
E mãos franzinas e delicadas
Que esfolham rosas pelos caminhos
E ferem como agudas espadas!

Seccam as rosas! Depois, só espinhos
Juncam hostis o chão das estradas!...

S. Julião do Calendario, 1896.

FERIAS NA ALDEIA

Ao Jayme Sampaio

Tarde opalina. Cantam entre os milhos
Camponezas joviaes ao sol das mondas.
Vae commigo uma joven de almos brilhos
No olhar, solto o cabello em fartas ondas...

De braço dado, occasionaes amantes,
Flôres de trevo entrançam-se-lhe á cinta,
Ao passar pelos prados. Aos mirantes
Dos muros veem ladrar-nos cães de quinta.

As suas mãos macias como plumas
Enfloram-me a lapella de boninas...
Na atmosphera alvadia em tenues brumas
Riem brancos casaes pelas collinas.

Passam os lavradores nos caminhos
Atraz dos bois que vão tosando as parras.
Esvoaçam velas brancas de moinhos
Nos cerros grazinantes de cigarras.

Vem das pastagens um mugir de toiro.
Trilla a orchestra das aves pelas mattas.
Matizam o ar joviaes arveloas de oiro
Roçando os leques de agua das cascatas.

E a minha companheira de passeio
Em trajes de serrana esvelta e franca
Inclina a linda fronte no meu seio
Como uma flôr avelludada e branca...

Sentamo'-nos então a descansar
Junto a uma fonte, sobre a verde alfombra.
Envolve-me n'um sonho o seu olhar
Que lhe luarisa o rosto e espanca a sombra...

Mãos dadas, boccas presas n'um sorriso,
Enleados no sendal das suas tranças,
Sonhamo'-nos em pleno Paraiso,
Na primitiva paz das coisas mansas...

Nada julgo melhor do que ficar
N'aquelle extase de almas primitivas!
Fazer da vida inteira um só sonhar,
No seio espiritual das coisas vivas!

Vêr lá ao longe o mundo e seus azares
N'uma lucta de egoismos e de orgulhos,
E adormecermos, livres de pesares,
Como dois pombos, n'um beijo, entre arrulhos...

S. Julião do Calendario, julho de 1896.



BALLADA DAS TRICANAS

Ao Guedes Teixeira

Ranchos cantantes das namoradas
Que ides dansando, á luz dos Poentes,
Pelas ladeiras, pelas estradas,
Acompanhae as notas dolentes
Dos nossos fados e guitarradas,
A' luz dos astros opalescentes...

Compraes cada anno uma cantarinha
Em Santo Antonio dos Olivaes

Para com ella irdes, á noitinha,
Descendo as ruas até ao Caes
P'ra encher de beijos e agua fresquinha...
Pois que doidinhas de amor andaes !...

As nossas capas e os vossos chales,
O luar d'estas noites serenas
Torna-os da côr dos lyrios dos valles...
Meigas tricanas, flôres morenas !
Dae-me do vinho que ha n'esse calix
Das vossas boccas de beijos plenas...

Aproveitemos estes instantes,
Que já não tarda o clarão da aurora...
Vossas cantigas, vossos descantes,
Eu quero ouvir pela noite fóra,
E historias intimas de estudantes
Que vós contaes a quem vos namora...

Vossos cabellos são como a rama
Dos salgueiraes á borda do rio
Chorando, em magua, como quem ama!
Tendes no seio o calor do Estio...
Vinde envolver-me na fina trama
D'esse cabello cahindo em fio!...

As vossas boccas, os vossos beijos
São doces como folhas de rosas...
As vossas fallas são como harpejos
D'umas sonatas maravilhosas...
Nos vossos labios cantam desejos
Como avesitas mysteriosas!...

Rio Mondego vae a chorar
De enfeitiçado por vossos olhos...
Não sei que tendes no vosso olhar
Que á flôr dá luz e sombra aos abrolhos,
Como o dormente alvor do luar
Que aleita as flôres pelos restolhos...

Vossos folgares, vossas cantigas
Pelas fogueiras do San-João
Fazem lembrar as Moiras antigas
Que veem roubar-nos o coração!
Deixae o nosso amor, raparigas,
No berço de oiro da Illusão!...

Coimbra, 14 de janeiro de 1895.

III

CAMINHO D'AMOR

Puissances du ciel ! j'avais une âme pour la douleur, donnez-m'en une pour la felicité. Amour, vie de l'âme, viens soutenir la mienne prête à défaillir.

J. J. ROUSSEAU—*La Nouvelle Heloise.*

Vive-se pelo Amor, quando se morre !

THEOPHILO BRAGA— *Visão dos Tempos.*

Que se amor não se perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura:
Porque, emfim, a alma vive eternamente;

E amor é effeito de alma, e sempre dura.

CAMÕES.

A la très-chère, á la très belle
Qui remplit mon cœur de clarté,
A l'ange, á l'idole immortelle,
Salut en immortalité !

BAUDELAIRE—*Les Fleurs du Mal.*

Amor.....
.....

E' um não querer mais que bem querer.

CAMÕES.



HYMNO D'AMOR

Consagrei-te a vida desde que em
ti descançaram meus olhos...

SOROR MARIANNA—*Cartas*.

O' Luar das minhas noites, ó Sol dos meus dias,
Minha Garça real pairando sobre os Mares!
Eu penso que nasceste ao som de alleluias
N'um camarim azul das mansões estellares...
Lua das minhas noites e Sol dos meus dias!

Se o teu cabello bruno é uma tenda de trevas,
Nos teus olhos ha luz para atear incendios,

Mas incendios de amor, nos corações que enlevas...
Absorto em teu olhar, do Mundo aos vilipendios
Prefiro o asylo d'esse pavilhão de trevas!

Transporto-me a um paiz de Sonho e nenuphares,
Se o aroma aspiro d'essas tranças d'azeviche...
N'um baldaquim chinez ou da India nos palmares
Sonho-me reclinado, ebrio de opio e haschich,
Quando a brisa da tarde beija os nenuphares!...

Ha em teu divino olhar satanismos de fogo!
Ora nos mostra o Inferno, ora nos mostra Deus...
Teus olhos tanto são lagos onde me afogo
Como escadas de luz por onde subo aos Ceus...
O Bem e o Mal se fundem n'esse olhar de fogo!

Que importa? Anjo ou demonio, adoro-te!...—Mas, não!
Se, um dia, Satanaz a Mulher precipita,
Levanta-a em aureolal triumpho a Redempção,
E hoje esmaga a cabeça á Serpente maldicta!...
A Belleza venceu! Manchar-lhe as azas... não!

Eva o Homem perdeu, mas salvou-o Maria!
E, aos pés do seu Jesus, a joven de Magdala

Lavou em pranto o santo amor que lhe rendia...
Sua alma peccadora fez-se côr de opala,
Tal como se a banhasse a graça de Maria !...

Por isso nos teus olhos quero vêr apenas
Duas fontes de luar da Graça e da Pureza
Banhando-me como um diluvio de açucenas
De eucharistica alvura e doçuras de reza...
Duas janellas que abrem para o Ceu, apenas!

O' Rainha das Graças! ergo as mãos piedosas
Esperando a uncção dos teus olhares flavos
Como chuva feerica de oiro e de rosas
Ou bençãos dos teus labios a abrir como cravos...
O' Luz da minha vida, ergo-te as mãos piedosas!



AVÉ', DOCE OLHAR, CHEIO DE GRAÇA!...

Ao Mundo abri minha Alma cheia de Illusões,
Em canções de Alegria e risos de Alvorada,
Como uma flôr vermelha á beira d'uma estrada,
Ebria de sol, a cortejar as Multidões...

E o Mundo alvar cuspiu-lhe negras maldicções!
Vi no Prazer a Dôr—áspide entre o rosal!—
Vi na Carne o Peccado e vi no Mundo o Mal!...
Rico de Sonhos bons, sahiram-me os ladrões...

Perdido e nu e só, n'estas plagas desertas,
Ergui o olhar em supplica ao Ceu de lilaz
P'ra a Morte abrir-me a porta da Torre-da-Paz...

E vi nos olhos teus—flôres de luz abertas!—
O teu amor a ungir-me—candida Cecêm!
Com o luar da Pureza, da Graça e do Bem!



ALLELUIA!

Flôr matinal, morena suave
De olhos ladinos peninsulares!
Tu fechas na alma o amor á chave
Como em sacrario a Hostia dos altares...

Eu quero amar-te!... A minha Alma é ave
Que á noite canta, ao vir dos luares...
Quero um amor que na Alma se grave
Como os affectos dos nossos lares...

Abre-me, pois, esse cofre de oiro
Da Alma, em que encerras todo um thesoiro
De amor celeste,—roseira em flôr...

Sem ti, eu vivo em Quaresma fria!
Vamos cantar ambos a Alleluia...
Tu és a minha Paschoa-d'Amor!...



AMA!...

E's moça e donairosa! A violeta
Ensinou-te a modestia no sorrir...
Vou pôr na minha lyra de poeta
Cordas para cantar-te... Vem ouvir!

Se foi cantor de Beatriz o Dante,
Se de Nathercia foi cantor Camões
E de Laura Petrarcha, ó minha amante,
São pobres para ti minhas canções!

Embora ás tuas perfeições meu canto
Não corresponda, ó flôr preciosa e rara...
Quero emballar-me n'esse collo santo
Mais branco do que a espuma do Niagara!

Quando, em noites serenas, fito o espaço,
Eu julgo vêr-te lá no firmamento
Tão bella como a Leonor do Tasso
Mirando-se nas aguas de Sorrento!...

Teus labios são de pudibunda rosa,
O teu sorriso é uma borboleta
Que, em languida volupia sequiosa,
Sobre elles paira e brinca sempre inquieta.

São teus finos cabellos, minha amada,
Uma rêde que enleia os meus desejos,
Quando soltas a trança perfumada
Com que ao teu niveo collo ato os meus beijos!

O teu cabello em ondas cahe suave
Como as espigas na seara aos mólhos...
Os meus Desejos vão com bicos de ave
Picar amoras vivas nos teus olhos!

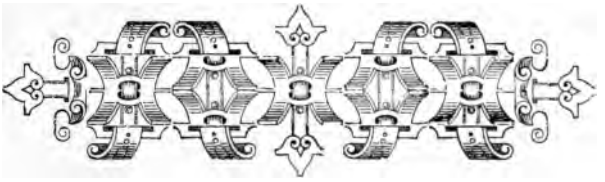
Tua carne... que mimo! que frescura!
Teu corpo agil não sei que graça espalha...
Torre de original architectura
Com lavores modernos de rocalha!

Mãos delgadas e finas, de velludo,
Niveas mãos de froixel de pomba mansa...
Inerme, tuas mãos são teu escudo...
Estende-m'as n'um pacto de alliança!

Prisma encantado a refranger mil côres,
Cascata de crystal sobre uma gruta;
Em ti resumes um jardim de flôres,
Em ti resumes um pomar de fructa...

Minha Arvore-d'Amor cheia de graça,
Primaveral, toda a abrolhar aos gommos,
Vamos, emfim, que a mocidade passa,
Libar as flôres e colher os pomos!

Ama emquanto houver sol nas tuas tranças
E fogo nos olhares e no seio
Que o bando azul das nossas Esperanças
Revôa ao ceu, d'onde a cantar nos veio!...



A EUCHARISTIA DO SONHO

Le besoin sexuel est la recherche d'une incarnation de l'idéal intérieur; l'amour c'est l'intime conviction qu'on a trouvé cette incarnation; l'objet aimé, c'est l'exteriorisation de l'idéal interieur.

MAX NORDEAU.

I

No paiz etheral do Sonho e do Arrebol
Ha muito que a minha Alma te andava a buscar!
Sorrias-lhe de lá como um astral pharol
A annunciar-me o porto n'este inquieto mar...

Nas tardes outomnaes, quando se esconde o Sol
Nas bahias azues, eu via-te a acenar
Nas selvas onde canta á lua o rouxinol,
Na estrella vesperal, no fumo do meu lar...
.

Errei no vago azul da esphera sideral
Como n'um mundo estranho, diaphano e lunal,
Após essa miragem fugaz como a luz...

E um dia (ó maravilha!), o meu Sonho, no alvor
Da tua Alma lyrial, fez-se Verbo do Amor:
Consubstanciou-se em ti como na Hostia Jesus!...

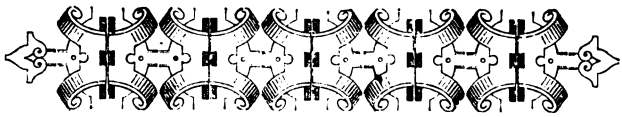
II

E's o Verbo encarnado do meu Sonho de oiro!
A flôr que me perfuma, a biblica Açucena!
Nas fontes de Bethlem, cantando, ao lavadoiro,
Não era mais graciosa a Virgem Nazarena!...

Guardas—Moira de Lenda!—n'essa Alma um thesoiro...
Encantam-me a sorrir teus olhos de morena!
Soffrer quizera eu como o Christo de olhar loiro
P'ra me ungirem tuas lagrymas de Magdalena!...

E's para mim a Sulamite da Escriptura
No Cantico dos Canticos tão acclamada
Pelas formosas moças de Jerusalem...

Banha-me no luar que em teu olhar fulgura!
Entorna sobre mim do Amor a urna sagrada!
E veste-me da Graça que do Ceu te vem!



FORMA, BONUM FRAGILE...

Mulher! eu não adoro em ti sómente
A plastica gentil, donosa e bella,
Que immortalisaria o genio ardente
Do artista que a fixasse n'uma tela.

Não é sómente, o que eu em ti mais amo,
Esse garboso talhe, esvelto e fino,
Quebrando-se flexivel como o ramo
Sob a aragem do campo esmeraldino...

Não é só a elegancia d'essas curvas,
D'essas fórmas a airosa galhardia,
Das pupillas que só o pranto faz turvas
A clara luz que tanto me inebria...

Mulher! tu és um ser que eu diviniso!
O que em ti mais adoro, Anjo do Lar,
E' a graça matinal do teu sorriso
E a ternura sem fim do teu olhar!

E' essa expressão suave, esse ar de arveola,
Essa doçura de alma que me encanta
E te emmoldura a fronte d'uma aureola,
Como na apotheose d'uma santa!...

Astro, que me illuminas o horisonte!
Idealiso-te a mais bizarra flôr
Com aromas do ceu, se em minha fronte
Cahe de teus labios um beijo de amor!...





CHEIA DE GRAÇA

Sors-tu du gouffre noir ou descends-tu des astres?
BAUDELAIRE—*Les Fleurs du Mal.*

Da imagem celestial, angelisada, elysia
Do meu sonho de amor és pura encarnação!
Poisas-me na alma, como na flôr da artemisia
A mariposa lepida ao sol do verão...

Tua aprilina carne de morango e rosas
Tem mimos de epiderme ideal, raphaelesca,
Côr do arrebol diluindo-se em manhãs leitosas,
Minha Rosa-de-Maio rociada e fresca!

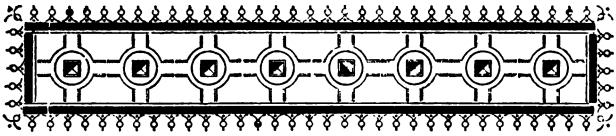
Lembra o teu collo a flôr aberta da magnolia,
Prado de lyrios que meus beijos apascenta...
A tua meiga voz tem a doçura eolia
De musica celeste que embriaga e acalenta...

Teu oirescente olhar e lagrymas hyalinas
De estrellas veem juncar os meus aridos trilhos,
Desdobrando um tapiz de luz e lhamas finas
Que eu sigo, em sonho azul, entre aromaes junquilhos!...

Teus labios de romã, viçosos como um cravo
Colhido ao gorgear matinal das calhandras,
Sabem a ceu talvez... e o cabello undiflavo
Cahe-te nos hombros como um nimbo de filandras!

Brilham-te os dentes como esmerilhados prasios
Na gracil bocca linda... O' irmã da Primavera!
Saphiras e esmeraldas, rubins e topazios,
Riquezas orientaes...—p'ra vestir-te, eu quizera!...





LOUCURAS

Minha Alma—pobre louca!
Que anceios são os teus?!
Não vês que trago já a garganta rouca
De cantar ao luar os Sonhos meus?
Já a minha fronte mesta se não touca
De rosas, mas de espinhos...
Minha Alma—pobre louca!
Não queiras devassar novos caminhos:
Vão dar ao Abysmo todos...
E perdes-te na selva dos Martyrios
E atolas-te nos lôdos
Onde não ri o sol nem choram lyrios!...
Minha Alma—pobre louca!
O Mundo sabe só c'roar-te de espinhos...

Foge á Maldade Humana... Pede, apenas,
Que te unjam de carinhos
As mãos de alvorescentes açucenas,
Macias como pennas,
D'aquella linda Dama
Por quem a minha Voz tanto ha que chama,
Que, de a chamar, trago a garganta rouca...
Minha Alma—pobre louca!...



VIGILIA

Alta noite, no meu quarto silente,
Deitado, o somno conciliar não pude;
Tinha a alma absorta, como um alahúde,
N'uma harmonia lugubre e dolente...

Da lua a claridade transparente
Pela janella entrava... e—um athaúde
A boiar sobre a lympha d'um açude
Sob o manto da lua auri-fulgente...—

Era o que me fazia então lembrar
O meu leito inundado de luar
Da noite na tristeza sepulchral...

Cantava alem, na matta, a cotovia...
E no clarão da lua eu sempre via
Desenhar-se o teu vulto esculptural!...



ENXUGA OS OLHOS, COROA-ME DE BEIJOS!

EUGENIO DE CASTRO.

Se choras, cahem contas de vidro
—Rocal desfeito—no teu seio,
O' doce irmã dos rouxinoes!
Gosto de vêr-te o olhar anhydro,
Teu vivo olhar, de brilho cheio,
Graciosa como os gyrasoes!

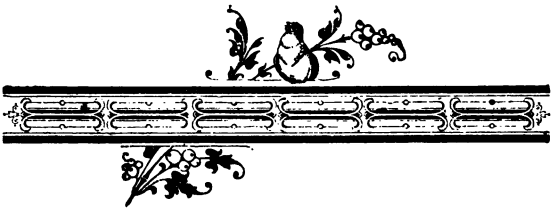
As camarinhas do teu pranto
São teu collar, são meu rosario:

No teu pescoço hei-de o rezar...
Vejo-te os olhos a nadar,
Como dois peixes n'um aquario...
Não chores timido amarantho!

Flôr das trigueiras! tua bocca,
Romã a abrir, rubra de pejo,
Quero-a morder n'um doce beijo...
Que fiei a Noite n'uma roca,
Não punha duvida em dizel-o,
Se, um dia, fiasse o teu cabello!...

Morena, touca-te de rosas
Como as que em teu seio, aos adejos,
Libam do amor as mariposas...
Martyrios teus, minha alma sabe-os...
Antes coroem-me de beijos
Os teus amorangados labios!...

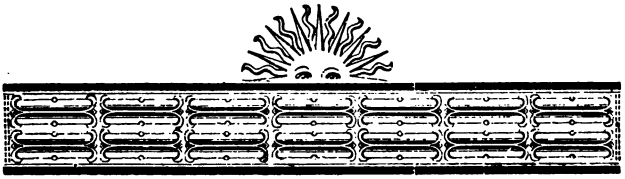




PÓST TENÉBRAS, LUCÉM...

Nos teus olhos embebi-me...
Julguei mergulhar na Noite...
E tremi... qual fino vime,
Do vendaval sob o açoite!

Na treva me ia perdendo...
Mas vi raiar a manhã:
Sorriste...—era o sol nascendo
Nos teus labios de romã!...



ORAÇÃO DE AMOR

E's tão do ceu, Flôr bizarra,
Que o eu cantar-te é uma blasphemia!
Aos teus pés quebro a guitarra
Das minhas noites de bohemia...

Ao vêr teu gesto divino,
Caio em santa adoração!
Vou p'ra te cantar um hymno
E rezo-te uma oração...

Singela oração de amor
Com que os meus desejos franjo
Castamente como a flôr
Que beijam teus labios de anjo!

Serenatas e balladas
Que ao luar andei cantando
Perderam-se nas estradas
Que eu já percorri sonhando...

Minha capa de estudante,
Estendo-t'a aos pés, de leve...
Se a pisar teu passo ondeante,
Ficará branca de neve!

Loucuras da mocidade,
Ao pé de ti nem as lembro...
Teu olhar faz-me saudade
Como um poente de setembro...

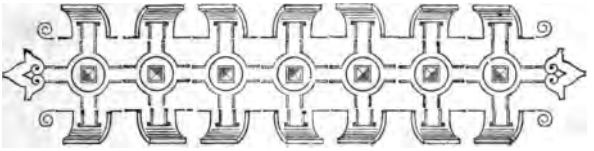
Saudade... nem sei de quê.
Talvez da innocencia antiga...
Tanta pureza se lê
Nos teus olhos, Pomba amiga!...

Nas balseiras, ao sol-pôr,
Trine, embora, o rouxinol,
E sobre as hervas em flôr
Brinque a borboleta ao sol...

Cubra de oiro o sol as plantas
E arco-irise as verdes aguas...
Tu dás claridades santas
A' minha alma toda em maguas...

Cante na matta a cigarra...
Rezo-te eu de mãos erguidas,
E aos teus pés quebro a guitarra
Das minhas noites perdidas!...





CONFITEOR VIRGINI...

Preguntas; qué es amor? es un deseo
En parte terrenal y en parte santo:
Lo que no sé expresar cuando te canto:
Lo que yo sé sentir cuando te veo.

R. DE CAMPOAMOR—*Humoradas*.

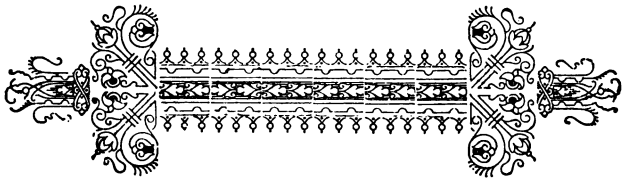
Confessar-te que te amo... só o posso expressar
Com palavras de mel floridas de açucenas,
Com musica de archanjos, risos de luar
E beijos aromaes como o liz e as verbenas...

Na minha alma oiço então bizarras cantilenas...
Guitarras a cantar, bandolins a chorar!
Meigos coros de virgens que vão p'ra as novenas,
Canções bohemias perdidas e orações de altar!...

Mais eloquente é a alma, se o labio está mudo.
Não ha termos que exprimam o que então se sente.
Callado, sem palavras, é que se diz tudo...

Callem-se os labios, falle só o gesto e o olhar!
Só n'um beijo é que os labios dão ao amor latente
Uma expressão divina, que falla a cantar!...





ASCENSÃO

Teus olhos, onde leio a Bemaventurança
Em Biblia santa escripta em lettra côr de palma,
Reflectem nas pupillas o Arco-d'Alliança...
São janellinhas que abrem p'ra o Paraiso-da-Alma!

Meu Evangelho azul e branco de açucenas,
Breviario do Amor, da Graça e da Illusão!
Teus olhos lembram-me os das virgens nazarenas
Que iam chorar aos pés do Christo, na Paixão...

De olhar fito em teus olhos, eu aos Ceus asceado
N'uma escada de luz cambiante, arco-irisada,
Levado pelo encanto do Extase e do Sonho...

E tu sobes commigo á esphera constellada,
O' alva como os lyrios que em tuas mãos deponho,
Que, ao vêr-te, o povo diz:—«Lá vem o Luar nascendo!»



AS MENINAS DOS TEUS OLHOS...

Nunca tivesse eu visto
Em vida esse olhar teu,
Bello como o do Christo
Olhando para o ceu !

JOÃO DE DEUS—*Campo de Flores.*

Menina dos meus amores !
As meninas dos teus olhos
Alcatifam-me de flores
A minha senda de abrolhos...

Olhos como os d'A que eu amo...
Onde ha uns olhos assim?
Onde ha mais florido ramo
A embellezar um jardim?...

Onde ha mais frescas amoras,
Mais setinosa açucena
Que esses olhos com que enfloras
O teu rosto de morena?...

Teus olhos... que lindo ornato!
—Brinco de cerejas pretas...—
Flores a abrir entre o matto
Para encantar borboletas...

Borboletas... mas é d'estas
Que são Desejos com azas,
Da minha alma, e que tu crestas
N'essa flamma em que me abrazas...

Olhos negros como brumas,
Como capas de estudantes...
Teem a alvura das espumas
Vossos olhares errantes...

Olhos de pupillas negras
Como dois melros brejeiros...
—Cabeças de toutinegras
Picando a baga aos loireiros...—

Nem veus de esposas que enviuvem,
Nem os tinctos bagos de uva
São mais negros do que a nuvem
Dos teus olhos...—ceus de chuva!...—

Ceus, por fóra, de trovoada...
Mas, por dentro, azul e alvores
Da Alma—Abobada estrellada!...
Da Alma—Empyreo de esplendores!...

As meninas dos teus olhos,
Menina dos meus amores!...
Não ha assim pelos restolhos
Tão avelludadas flores...

Olhos de velludo!... A noite
Dos teus olhos tem mysterios...
Mago condão isso foi-te!
Assim mais minha alma quere-os...

Essas pupillas teem fogo...
P'ra mim não são, juro-t'o eu,
Dois lagos onde me afogo...
Mas duas portas do Ceu !...

Olhos como os de Jesus,
Mysticos, magos de encanto...
Cheios de graça e de luz !...
Fazem d'um réprobo um santo !...

São altares de novena
Festivaes, illuminados...
Se assim não fosse, morena,
Seriam os meus peccados !

Por isso eu os amo tanto,
Quer exultem de prazer,
Quer os banhe amargo pranto
Que um beijo meu vae beber...

Os teus pensamentos... colho-os
Co'os meus olhos peccadores
Nas meninas dos teus olhos,
Menina dos meus amores !...

THURIBULO PASCHAL

Nimba-te a fronte um halo astral de Sonho e Lenda,
O' Princeza reinante do meu Coração !
Palmeira do Deserto a ensombrar minha tenda...
Pomba que traz do Ceu o ramo do Perdão!...

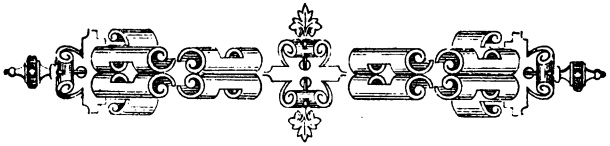
Sigo, cego de amor, na esteira de teus pés
Balsamica e perlada a bagos de romã
Que cahem do teu sorrir...—como outr'ora Moysés
Transpondo o Mar Vermelho em busca de Chanaan !...

De capa ao vento, como o turbante d'um syrio
Caminhando, no oriente, á sombra das nogueiras,
Sonho com beijos dados em collos de lyrio
Em noites de serão e á sesta pelas eiras...

E mal vejo o teu rosto assomar á varanda,
Da luz crepuscular nas penumbras brumaes,
Minha Alma em ti respira uma volupia branda
Como uma abelha de oiro na flôr dos myrtaes...

Os teus olhos forrados do lucto das eças
São luas de velludo, astros d'uns ceus remotos...
Com seu branco luar, de açucenas tapeçaS
Meus Caminhos onde abre a flôr azul do lotus...

Não ha palavras que traduzam o poema
Do amor celeste e puro com que nos amamos,
Santo como um paschal perfume de alfazema
Que se evole do altar em Domingo-de-Ramos!...



ROSARIO...

Ao teu pescoço pendura
O rosario dos meus beijos...
O' virgem pura
Dos meus desejos!

E' o rosario que eu mais prézo...
Pois, se o benze o labio teu,
Por elle rezo...
E vejo o ceu!...

HORAS DE FEBRE

I

Que aborrecido ! Que profundo tedio !
Só ! No meu quarto. Embala-me, Planeta...
O' meus pallidos dias de dieta...
Vôa, minha Alma, vôa... E' teu remedio !...

No Poente morre o Sol. Meus olhos, vêde-o
A escarrar sangue em nuvens de violeta...
O vento geme triste como um poeta
A soluçar um lugubre epicedio !...

Tudo parece doente ! Só na estrada
A saude estúa em boccas de alvorada
De virgens a cantar, na turba aldeã...

Matto a sêde nos olhos d'A que eu amo,
—Duas frescas amoras n'um só ramo !
Rosas de luz ! estrellas da manhã !...

II

Matto a sêde em teus olhos... porque a febre
Traz-me, em delirio, n'estas horas negras,
O' Bem-Amada que a minha Alma integras,
A tua apparição ao meu casebre !

Que o licôr dos teus olhos não desquebre...
—Uvas maduras ! vivas toutinegras !—
Pois que és tu só que n'esta hora me alegras,
Permitte que em meus cantos te celebre...

Abro a janella. Digo adeus ao Sol...
E vejo-te, n'um fundo de arrebol,
Alva e irial como a espuma do Niagara...

Faz-me bem esse olhar... Que doce enleio!
Anjo! deixa encostar-me no teu seio
Macio como o collo d'uma arara!...

III

Tedio! Nevoas cinzentas do meu spleen!
Só as dissipas tu, sobre o Castello
Do Sonho que, a scismar, desennovello
Do meu cachimbo, em fumo... Ver-te assim

O olhar (benção de luar!) cravado em mim,
E' o que me encanta...—O' chuva de cabello!
O' bocca de morango! ó Sete-Estrello!
O' mãos de santa! ó collo de jasmim!

O' meu Amor! Grinalda de palmitos!
Sê a Consoladora dos Afflictos...
Sê o meu ceu! a ideal Virgem-das-Dôres!...

Enxuga os olhos, Magdalena em pranto!
Cobre-me com o pallio do teu manto...
Voêmos ao Paraiso-dos-Amores!...



NO PENEDO DA SAUDADE

Saudade!—E' de saudade que eu suspiro
N'esta Coimbra de encantos e primores...
Suspiro pela Flôr dos meus amores
Que chorando ficou n'algum retiro...

Não prolonguemos mais o nosso gyro...
Capas na relva! descansar, doutores!
Quero haurir o perfume d'estas flores
Que é como o halito d'Ella o que respiro...

E' que, mesmo na mais longa distancia,
Acompanha-me sempre esta fragrancia
D'Aquella por quem vivo em dessocêgo...

...E, como em cêrca mystica da Trappa,
Cahem as folhas das arvores da *Lapa*,
Como illusões perdidas, no Mondego!...



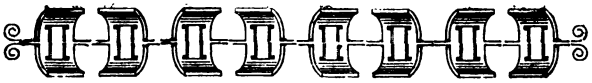
ESTRADA FÓRA...

Sahes a passeio. Some-se na orla do occaso
O flavo sol que de oiro as tranças te polvilha...
A tarde é perfumada : cada flôr é um vaso
De fino aroma; o campo é uma maravilha...

Gosto de ver-te assim sahir do teu recato
—Guardasolinho aberto, cabello em desleixo...—
Banha-me o teu olhar claro como um regato
A deslisar á verde sombra d'algum freixo!

Cego de amor, eu sigo-te ao longo da estrada.
Tens o andar de princeza esvelta de ballada...
E, olhando para traz, envias-me um sorriso...

Eu ergo o olhar ao Ceu, quasi esqueço os meus dias...
E lembra-me que a estrada, por onde me guias,
Nos conduz—que illusão!—ás portas do Paraiso!...



Á PASSEIO...

Quando passas por mim, Flor-de-Lyz do meu Sonho,
Zagala empyreal de olhos feitos de estrellas,
Sinto que me estonteia um dulçor de medronho,
Do perfume que em torno a ti desennovellas...

Parecem revibrar processionaes fanfarras
Como á passagem triumphal d'uma princeza;
E tu, sem reparar nas saudações bizarras,
Vaes sorrindo com ar de quem tudo despreza!

E's bella e donairosa! A cabelleira flava
Roça pelos teus hombros nús, sem dar escandalo...
Teu gesto archi-ducal attrahe a turba, escrava,
A beijar cortezã o teu leque de sandalo!

Que porte senhoril de antigas castellãs!
Bebo no teu olhar uma doçura elysia...
Vem de ti um aroma a saber a romãs!
Vem de ti um perfume como o da artemisia!

O teu vestido roçagante é d'uma seda
Macia como as flores que abrem nos restolhos;
E eu, sentindo-o rojar ao longo da alameda,
Quereria seguir-te e ir-lhe beijar os folhos!...

E' que tu és tão linda, de ar imperial,
Que subjugas a todos na tua passagem.
Se eu comtigo habitasse um castello feudal,
Serias tu rainha e eu seria... o teu pagem!

Iria passear comtigo sob os alamos,
Quando o Poente doirasse a areia do terraço;
E de moitas de flores fariamos thalamos
P'ra reclinar a fronte em horas de cansaço.

E sobre esses colchões mais flaccidos que o briche,
Enleados n'este amor com que tu me confranges,
Teriamos visões azues, sonhos de haschich,
Como indios indolentes n'um palmar do Ganges !...

E com as tuas graças audazes, que excedem
Toda a attitude heroica de Joanna d'Arc,
Tentar-me-hias, Serpente, a comer, como no Eden,
Do fructo prohibído... nas sombras do parque !...

Ao branco ante-mural do Castello que habitas
Na esphera astral do Sonho-Azul, Formosa minha,
Sobe a minha Alma a vêr-te... e, mal surges e a fitas,
Ajoelha e reza extatica :—Salvè, Rainha...!—



REDEMPTORAS LAGRIMAS!

As lagrimas são o oleo lustral da purificação.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

C'est ainsi que dans l'amour-passion, avec um peu de temps, tout se pardonne.

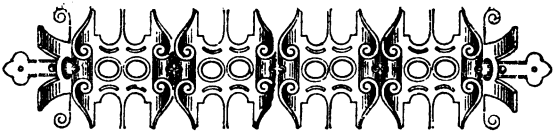
STHENDAL—*De l'amour.*

Ha dias que andas triste, absorto o olhar nos ceus,
Como a Mãe de Jesus, a Estrella Nazarena,
De olhar limpido como os lagos galileus,
Chorando no Calvario,—orvalhada Açucena!

Tambem a Magdalena, ajoelhando ante a cruz,
Remiu da peccadora o passado desdoiro,
Em lagrimas banhando os pés do seu Jesus
E enxugando-lh'os com as finas tranças de oiro!...

Todas as culpas lava a agua lustral do pranto !
A tua magua, como a urna d'um lyrio santo,
Trasborda sobre mim e n'ella me confranjo.

De amares-me te culpa a Inveja e a Intriga—o pó
Que o teu desprezo esmaga ! Quero amar-te eu só...
Faz-te martyr o pranto, mas o amor faz-te anjo !...



CANTOS, PRANTOS...

Olhos da minha amada em choro,
Por elles bebo, aos beijos, sécol-os...
P'ra beijar sempre a quem adoro,
Eu quereria viver seculos...

Nos teus olhares columbinos,
Estrella-Santa dos amores,
Ha risos brancos de meninos
A sonhar em berços de flores...

Mas quando choras, ai! meu Deus,
Que olhar! que magua!... nem sei bem...
Deve assim ser talvez nos Ceus,
Se os anjos lá choram tambem!...

A's tardes, vejo-te á janella
Com uma flôr vermelha ao peito
Nimbada d'um halo de estrella...
E' o meu coração desfeito!

Eu era livre. Hoje, captivo
Do teu olhar, dos labios teus,
Só para ti e de ti vivo,
A desfolhar os Sonhos meus...

Vida a cantar!... Vida a chorar!...
Que vida a minha! que loucura!
Quero-a viver só p'ra te amar,
Rosa morena, toda-pura!

Minha Alma triste era um deserto
Sem ter a sombra d'uma palma...
Hoje sorri-lhe o Ceu aberto:
E' o teu olhar...—vives-me na Alma!



VISÃO FEERICA

———

Sob os cedros, no parque, á beira-lago,
Anda passeando A que minha ser ha-de,
Como uma castellã d'um sonho mago
N'um jardim provençal da Meia-Edade!

Canta uma aria em voz mansa, como as aves
Nas harpas do arvoredo, em notas querulas...
E do ceu dos seus olhos tão suaves
Chove-me na alma um rio de luar e perolas....

Muito em-segredo, occulto na penumbra,
Contemplo-a: é como um sol que me deslumbra!
Tento chamal-a então, fallar-lhe... e hesito...

E' que é tão fina e esvelta, ideal e bella,
Que eu receio quebrar-lhe o encanto... e vêl-a
Perder-se como um Sonho no Infinito!...

PALMEIRA DO DESERTO

Na estrada do Passado o olhar mergulho...
Busco os vestigios das minhas sandalias
No pó que abrasa como ao sol de julho...
E vejo-te mais linda do que as dahlias!

E's tu, Visão doirada, que levantas
Do meu Passado na escabrosa senda
O teu busto mais bello que o das santas
Vestidas de luar, que andam na Lenda...

Quando passas ao longo dos caminhos,
Radiosa, ó santa Irmã da Caridade,
Parece que ha mais canticos nos ninhos,
Parece que ha mais viva alacridade.

Deitas pão no chapeu d'esses mendigos
Que encontras nos degraus de algum portal;
E as pobresinhas veem aos seus postigos
P'ra receber a esmola no avental!

Tomas ao collo as meigas creancinhas
Que beijas com ternura só de mãe!
Sobre a tua cabeça as andorinhas
Pipilam virginaes canções do Bem...

Sente-se palpitar teu coração;
Orla-te a fronte um halo de esplendor...
O teu olhar infunde só paixão!
O teu sorriso inspira só amor!

Escuro como a rama dos pinhaes,
O teu cabello solta-se do veu
E ostenta o ondeado dos trigaes,
Cahindo sobre um manto côr de ceu...

Eu sou o Desherdado-da-Ventura
Que, absorto contemplando o teu perfil,
Sinto adoçar-se o calix da Amargura,
Vejo florir-me a estrada um novo abril!

Meus beijos vão libar mel á tua Alma
Por essa bocca dúlcida, sem travo,
Como abelhas entrando, em hora calma,
No cortiço em demanda do seu favo...

Dá-me o teu manto azul bordado de astros;
Quero cobrir com elle esta Alma nua...
Quero vêr a brancura de alabastros
Com que o teu collo offusca o alvor da lua...

No teu labio vermelho ri a aurora
Como em virgens dormentes de ballada...
Iremos pela Via-Lactea fóra
Da nossa Phantasia torturada...

Quero sonhar comtigo em noites calmas
A' luz opalescente das estrellas,
Beijando-se, a cantar, as nossas almas,
Como um casal de amantes philomelas!...

Da Vida no Areal que atravessamos
Co' a mente hallucinada e o peito enfermo,
Sento-me, ó Palma, á sombra dos teus ramos,
Bebo em ti, Fonte-Viva do meu Ermo!





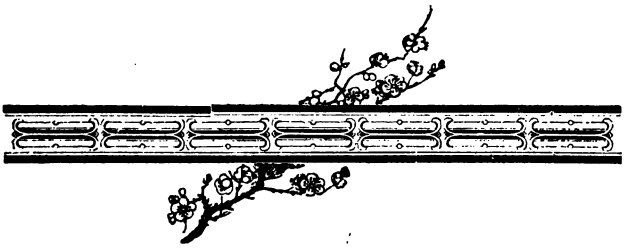
VAS SPIRITUALE

Não são mais lindos, de aureolal encanto,
Os anjinhos que vão nas procissões
Do que o teu busto esvelto, Lyrio-Santo,
A que ajoelham, rezando, os corações!

Por ti minha alma vive em eterno canto,
Canto de amor com rythmos de orações...
N'um Sonho ascencional te eleva o manto
Como nuvem bordada a aureos listões!...

Como luz etheral de estrellas calmas,
O luar dos teus olhos unge as almas
Da Pureza e da Graça angelical...

Sob o deslumbramento d'esse olhar,
Eu sinto que os meus beijos vão bordar
Teu branco veu de noiva empyreal!...



A' BEIRA-MAR

O mar !... Como eu adoro os poentes tranquillos
Esbatendo-se ao longe sobre o azul marino !
N'esses lençoes de espuma em sonhos me reclino...
As estrellas no ceu brilham como berylios...

Minha Alma já não canta em mavioscs trillos !
Desfia das saudades o rosario fino...
E' como essas invalidas que eu descortino
Céguinhas, a chorar, ás grades dos asylos !...

Faz-me tristeza o mar !... Quando eu vou pela praia
E vejo pelo areal, ao sol, os pescadores
A concertar as rêdes, felizes, risonhos...

Eu quizera tambem, á sombra d'uma olaya,
Sentar-me ao pé da Eleita ideal dos meus amores
Com beijos a compôr a rêde dos meus Sonhos !...

Povoa de Varzim, 25 de setembro de 1895.





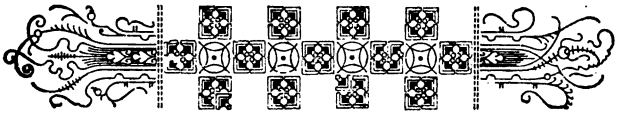
CELESTE...

O teu amor é que me faz poeta!
Trago o ceu na minha alma, porque te amo...
Ha uma aurora de luz, em que me inflammo,
Com tons de rosa e aromas de violeta...

Por esse prisma é que se me projecta
O olhar sobre o Universo... E quando chamo
Por teu nome, parece cahir-me um ramo
De flores todas mel na bocca inquieta...

Em ti idealiso, quando por mim passas,
Venus, mãe da Belleza e dos amores,
Rica de beijos, descahido o veu...

Acho o mundo mais bello... As tuas graças
Combinam-se n'um ceu de sete côres...
Poesia é ver o ceu... e tu és do ceu!...



ADORAÇÃO

Que pallida estás, que linda!
ALMEIDA GARRETT.

Hontem, quando te vi, como eras pallida,
Franzina de olhar doce e mãos de freira!
Parecia que a flôr da laranjeira
Te dera a alvura desmaiada, invalida...

Mariposa do ceu, gentil chrysalida...
Que bem que diz na tua face trigueira
Essa côr de saudade, alva e fagueira,
Como a da rosa branca em sésta calida!

Acho-te assim mais linda... da belleza
Divinal do Mysterio e do Martyrio,
Toda-do-ceu, espiritual, angelica...

Não vôes para o Empyreo, pomba ophelica!
Ao vêr-te assim, da côr de lua e lyrio,
Minha Alma, a soluçar, ajoelha e reza!...

Setembro, 12: 1895.



ÆTERNUS AMOR!

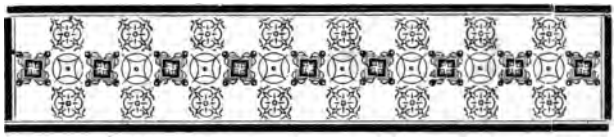
Recorta-se n'um disco de arrebol doirado
Da minha Bem-Amada o busto esculptural.
Olho o Azul: vejo o ceu todo luarisado...
E' Ella a volver-me o olhar ethereo e luminal!

N'aquelle olhar tão meigo e lindo e espiritual
Lê-se a Pureza angelica e o horror ao Peccado...
Da sua mimosa carne a alvura lyrial
Inspira um casto amor, sem mancha de noivado...

Amor todo ideal, amor todo pureza!
Lembra adorál-A sempre, assim como quem reza
A uma santa, n'um culto fervoroso, interno...

Alva estrella d'algum celeste rosicler!
Antes adorar-te anjo que amar-te mulher...
Mais do ceu que da terra...—Só este Amor é eterno!...





REGRESSO AOS SIMPLES

Caminho da aldeia. Ao fim d'uma tarde de verão. Lucila pallido o crepusculo de oiro sob o olhar opalescente da estrella vesper. Esmorecem avelludados nas encostas das collinas os mil sons confusos que se levantam do valle alvejante de casalejos caiados. Bala o rebanho, na alvorada da lã de prata, a beber no ribeiro, em fila, margem abaixo. Rafeiros ladram aos portaes. Chia um carro de bois por uma azinhaga da deveza em flôr. Recolhem da labuta dos campos, cantando, os camponezes. Estrada poeirenta fóra, caminho da povoação, passam lestas a moleirinha e a padeira tangendo os burritos carregados com os taleigos e as canastras. Sahem da escola as creanças, em alga-

zarra jovial. Fumegam os tectos nas herdades: hora de accender os lares. Descobrem-se os aldeãos ao toque das Trindades, a rezar Avè-Marias, na toada ladainhante e piedosa do Angelus...

O Poeta, alquebrado, de olhar hallucinado e triste, caminha pallido e cheio de pó, como um peregrino da Palestina errante n'uma estrada em busca de Jerusalem, aonde as virgens da Galileia lhe viriam desenrolar aos pés viçosos tapetes de rosmaninho e rosas perfumados de olibano e myrrha... O Poeta vae interrogando as almas simples da gente laboriosa do campo, que se descobre á sua passagem, como se elle levasse a fronte nimbada por uma aureola evangelica de apostolo nazareno.

—Para onde vaes de longada,
Pastor biblico da serra ?
—«Ergui-me de madrugada:
Vou vêr as moças da terra...»

—Quem me dera como tu
Viver de illusões de amor...
Na minha alma—arbusto nu—
Já não desponta uma flôr !

—Fiandeira de alvas cãs,
Dá-me essa fé que em ti mora...
—«Reza todas as manhãs
A' Virgem Nossa Senhora!»

—Este mundo me perdeu,
O' minha velhinha santa!
Se tento rezar ao Ceu,
Morre-me a voz na garganta...

—Mendigo de olhar tão nobre,
Como tens a paz no seio?
—«Tambem pediu e foi pobre
O Senhor, quando cá veiu...»

—Fugiu-me a paz, triste eu ando!
Tremo pelo meu futuro...
E se olho para o ceu pando,
Vejo tudo, tudo escuro...

—Cavador, como, sem custo,
Podes cavar esse monte?
—«Porque o meu braço é robusto
E o suor me inunda a fronte...»

—E' vêr como o Vicio ou o Ocio
A saude nos interdiz!
Já não ha gotta de rócio
Que nos dê força á raiz...

—Lindas donzellas, á tarde
Vinde vêr-me das varandas...
—«Anjo-da-Guarda nos guarde
Como a inermes educandas...»

—Até vós, pombinhas mansas,
De mim vos arreceaes,
Como se eu fosse, creanças,
Um milhafre entre pombaes!

—Camponeza a segar herva,
Dá-me a graça do olhar lindo...
—«Quem a pureza conserva,
Vae-lhe Deus o Ceu abrindo...»

—Trago já turvada a vista
Das torpezas mundanaes;
Não posso seguir-te a pista,
Em que, a rir, sonhando vaes...

—Mocinha que vens da fonte,
Que diz esse teu sorrir?...
—«Meus segredos, quer que os conte?
Pois nunca m'os ha de ouvir...»

—Tão discreta como a tua
Nunca uma alma deparei.
Em que cidade, em que rua
Mora uma alma assim de lei?...

—Enamorada aldeana,
Que te diz o luar no eirado?
—«Que a minha alma nunca engana
Quando falla ao meu amado!»

—Quem me dera essa candura,
Morena das tranças pretas!
Como o luar és toda pura,
Simples como as violetas...

—Noivos, p'ra que ides casar,
Se um dia haveis de morrer?...
—«Só se apreciam no lar
As doçuras de viver...»

—Quem me dera ter esp'ranças,
Poder sonhar melhor vida!
(Sonhos vãos, os das creanças!)
Tudo acaba na jazida!...

Tudo acaba?!... Não. Não creio.
A Alma dos Simples me ensina
Que a paz que lhes vae no seio
Outras visões descortina...

Mas... talvez sonho, miragens...
A Vida... quem sabe o que é?
Não surgem novas paragens...
Só no Mysterio está a Fé!...

Mysterio é o nosso destino...
Camponezes do logar,
Dae poisada ao peregrino
Que se acolhe ao vosso lar!

Traz a alma cheia de dores...
Mas, se o Amor a abençoar,
N'ella nascerão mais flores,
Como no vosso pomar!...



INDICE

	PAG.
Nota Preambular	7
ANTELOQUIO	15
I—NEVOAS:	
O Natal do Poeta	23
Dolor-Amor	25
Canção da Infancia	27
Na arena humana	31
Anciedade	33
As aldeãs	37
Funeral de Illusões	39
Coração viuvo	41
Poentes de sangue	43
Flores de pantano	47
Na aldeia	49
Os pinhaes	51
A nogueira da herdade	55
Excerpto d'um poema.	57
II—ESTRELLAS CAHIDAS:	
Epilogo d'um poema	63

PAG.

Canção hyemal 65
Supplica. 69
Flôr carnal 71
De sesta. 75
Barcarola do Mondego 77
Idyllio vespertino 81
Por alma do nosso amor 83
Indelevel. 85
A' hora da lucta 87
Depois da orgia 89
Cantares 91
A monja 97
Bohemia das ruas 99
Germinal 103
Ferias na aldeia 107
Ballada das tricanas 111

III—CAMINHO D'AMOR:
Hymno d'amor. 119
Avè, doce Olhar, cheio de Graça! . . 123
Alleluia! 125
Ama! 127
A Eucharistia do Sonho 131
Forma, bonum fragile. 135
Cheia de Graça 137
Loucuras 139
Vigilia 141
Enxuga os olhos, coroa-me de beijos! . 143
Post tenebras, lucem 145
Oração de amor 147

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 02763 4834